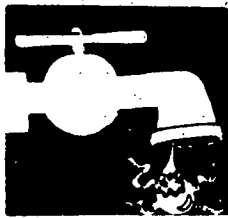


Dúvidas levam a Caesb por água abaixo

Empresa insiste em fazer mistério sobre a contaminação

A água de Brasília está ou não contaminada? É esta a pergunta que cada morador de Brasília continua a



fazer, onze dias depois da primeira notícia sobre o laudo técnico emitido pelo Departamento de Nutrição da UnB, segundo o qual a água consumida pela população está infestada de ameba, giárdia e áscaris. A dúvida permanece porque, durante este tempo todo, a Caesb, ao invés de esclarecer com dados técnicos a situação, optou por complicar o assunto, ao limitar-se a desmentir a denúncia com argumentos contaminados pelo emocionalismo.

Enquanto a dúvida permanece, há uma única certeza: o laudo foi feito por especialistas experientes, entre outros, o diretor da Faculdade de Medicina da UnB, Odílio Silva, e, por mais que a Caesb tenha tentado esvaziar a denúncia,

classificando-a simplesmente como alarmista, ao consumidor só resta a informação de que, realmente, a água em Brasília está infestada de parasitas.

Num rápido apanhado destes onze dias, facilmente se chega a estas conclusões. E o maior responsável por elas, é exatamente quem deveria evitá-las: o superintendente interino da Caesb, Walder Suriani. Um dia após a denúncia dos professores da UnB, ele convocou a imprensa e, entre um copo e outro de água mineral, sentenciou: a culpada pela contaminação na água do "campus" era a administração da UnB que fora displicente no tratamento do castelo d'água; a central de distribuição do "Minhocão".

Mesmo admitindo-se uma eventual displicência por parte da UnB, possibilidade que foi imediatamente contestada pelos Departamentos de Medicina e Engenharia, segundo os quais o castelo d'água é selado e exhibe, periodicamente, os laudos das análises preventivas, Suriani, foi, no mínimo, displicente. Não explicou, por exemplo, se a

UnB era também a responsável pela contaminação encontrada nas amostras colhidas pelos professores em vários pontos do Plano Piloto.

Mas não foi só isso que Suriani não explicou. Não disse nada, por exemplo, sobre as declarações da parasitóloga Francisca Frazão, do Laboratório Carlos Chagas, que assegurou, três dias após a denúncia, que em relação ao ano passado o número de pessoas com giárdia no Plano Piloto tinha aumentado 50 por cento devido a contaminação d'água. Ignorou, ainda, a informação do Laboratório Brasiliense de que 95 por cento das crianças da Ceilândia estão com verminoses altamente prejudiciais à saúde por ingerir água contaminada. E, embora tenha sido também perguntado, se esquivou de comentar a opinião de um grande número de brasilienses que, consultados sobre o assunto, acharam a água "simplesmente imunda".

E, afinal, porque Suriani não respondeu, pelo menos por delicadeza, ao comunicado que o superintendente executivo da UnB coronel

Lyster Figueiredo, lhe enviou, informando sobre os resultados dos exames? Isto aconteceu, precisamente, no último dia 4, e a Caesb somente na sexta-feira passada se deu ao luxo de entrar em contato com a universidade para tratar, finalmente, do assunto.

Diante de todos estes fatos, só há uma conclusão: a lógica da Caesb é alarmista. Só assim se explica a displicência do órgão em demorar mais de oito dias para constituir a comissão que pretende, finalmente, esclarecer o assunto. Só assim também se explica a notícia, não desmentida, de que Suriani, talvez atingido pela mesma dúvida que toma conta de Brasília, tenha chegado a pensar em dispensar os serviços de professores da UnB nas análises que serão feitas.

Nestes onze dias, se foi difícil a Suriani explicar se a água de Brasília é contaminada ou não, muito mais difícil será ao governador José Ornellas convencer a população de que a Caesb não está infestada de parasitas.

NELSON PANTOJA
Da Editoria de Cidade